



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
COMUNICAÇÃO COM HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

LAÍS MATOS DO ROSÁRIO

SOBRE VIVENTES
HISTÓRIAS DE SUICÍDIO E LUTO

Salvador
2017.1

LAÍS MATOS DO ROSÁRIO

**SOBRE VIVENTES
HISTÓRIAS DE SUICÍDIO E LUTO**

Memória do trabalho de conclusão de curso de graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, na Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal da Bahia.

Docente: Prof^a. Dr^a. Maria Lucineide Andrade Fontes

Salvador
2017.1

*Literatura não estraga fora da geladeira
nem fora da universidade*

Fabício Carpinejar

RESUMO

Esta memória se propõe a detalhar o processo de pesquisa e elaboração de *Sobre Videntes*, livro-reportagem que reúne cinco perfis de luto e suicídio. Cada história foi escrita a partir de um único fio condutor: a perda de um ente querido que cometeu suicídio. Os relatos dos sobreviventes (nome dado às pessoas próximas de um suicida) abordam a experiência de lidar com a dor da perda e a saudade. Ao examinar um tema que se mantém velado nos veículos de comunicação, a pesquisa apresenta um breve histórico do suicídio, verifica a maneira com que a imprensa aborda o fenômeno e destaca a importância do jornalismo literário na construção de narrativas pessoais.

Palavras-chave: suicídio; luto; livro-reportagem; jornalismo literário; perfil

Agradecimentos

A minha mãe, por me ensinar a caminhar

Ao meu pai, por me ensinar a conhecer

A Bruna, por compartilhar os mesmos sonhos

A Debora e Gustavo, por inspirarem afetos

A Malu, por me guiar até o final

A Dudu, por dividir o seu olhar

Aos sobreviventes, por terem a força de abraçar esse projeto

Aos amigos e companheiros de estrada, um sincero obrigada.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	7
2. REFERENCIAL TEÓRICO	11
2.1. Para além da morte voluntária	11
2.2. O tabu no jornalismo	17
2.3. Jornalismo literário e livro-reportagem	24
3. METODOLOGIA	30
3.1. O processo	30
3.2. O livro	33
3.3. Os retratos	37
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41

Lista de imagens

Imagem 1: livro *Sobre Viventes* capa; foto tirada por Bruna Castelo Branco, agosto de 2017..... p. 35

Imagem 2: Livro *Sobre Viventes* interior (capítulo *Ferrugem*); foto tirada por Bruna Castelo Branco, agosto de 2017..... p. 36

Imagem 3: Livro *Sobre Viventes* interior (capítulo *Poeira*); foto tirada por Bruna Castelo Branco, agosto de 2017..... p. 36

Imagem 4: Carlos Enrique Carneiro (à esquerda), personagem de *Espelho*, e Jamile Cordeiro (à direita), personagem de *Ferrugem*; fotos tiradas por Bruna Castelo Branco e Dudu Assunção, respectivamente, junho de 2017..... p. 38

Imagem 5: Rafaella Rios (à esquerda), personagem de *Poeira*, Caroline Souza (centro), personagem de *Ruído*, e Renato Rodrigues (à direita), personagem de *Sopro*; fotos tiradas por Dudu Assunção, junho de 2017..... p. 38

1. APRESENTAÇÃO

Há muito que se fala sobre a morte, bem como sobre o fascínio que ela provoca. A morte está intimamente ligada ao luto, à dor da perda de um ente querido. *Sobre Viventes* são histórias de luto, mas um luto específico, presente em quem perdeu alguém que escolheu sacrificar a própria vida. Esta é a memória de um livro-reportagem dedicado aos sobreviventes de suicídio. Nele, estão histórias daqueles que ficaram e hoje convivem com a saudade e a dificuldade em caminhar entre inconformismo e aceitação ao lidar com a perda de um familiar ou amigo para a morte voluntária. Dividido em cinco perfis distintos, o livro reúne as experiências pessoais de cada entrevistado e de que forma cada um foi afetado pelo suicídio.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) indica que, em média, um único suicídio afeta intensamente ao menos outras seis pessoas. O *Manual para médicos clínicos gerais* (2000), documento que integra uma série de manuais produzidos pela Organização e destinados a profissionais específicos para a prevenção do suicídio, destaca que o impacto psicológico e social do fenômeno em uma família e na sociedade é imensurável. “Se um suicídio ocorre em uma escola ou em algum local de trabalho, tem impacto em centenas de pessoas” (OMS, 2000). A psicologia usa um termo para definir essas pessoas, que sofrem consequências emocionais, sociais e até econômicas: sobreviventes. São “pessoas que vivenciaram o suicídio de uma pessoa querida e que enfrentam o processo de luto” (FUKUMITSU, 2015).

Durante o processo de construir narrativas pessoais, busquei, por meio de uma abordagem literária, demonstrar o sentimento de perda e abandono provocado pelo suicídio nos sobreviventes. Dessa forma, as histórias assumem um caráter universal que ultrapassa as particularidades dos personagens e reflete-se em tantas outras pessoas que foram levadas a conviver com um trauma tão intenso. Os perfis foram escritos de acordo com os princípios do jornalismo literário. A exploração de uma linguagem subjetiva, autoral e cuidadosa com as singularidades de cada fonte entrevistada é apresentada através dos cinco perfis ligados pelo tema comum. Cada capítulo do livro corresponde a uma história: *Espelho*, *Ferrugem*, *Poeira*, *Ruído* e *Sopro*. As memórias e impressões costuradas pelos entrevistados buscam estreitar a relação entre o fenômeno e o leitor.

Como experiência literária, *Sobre Viventes* retrata o fenômeno do suicídio a partir dos depoimentos familiares, dispensando o uso de fontes oficiais, dados e números que costumam amparar o jornalismo tradicional. Para fundamentar essa escolha narrativa, a pesquisa toma como referência o jornalismo literário como principal gênero que norteou a construção do livro, assim como a relação com o perfil jornalístico e o livro-reportagem. O propósito desta pesquisa não é desvendar ou analisar os vários motivos que podem levar uma pessoa a cometer suicídio e, sim, dar visibilidade a um fenômeno considerado uma questão de saúde pública, mas que se mantém velado pelos meios de comunicação. Acredito que um produto comunicacional, como um livro, que lance um olhar significativo sobre a temática do suicídio, seja um produto de utilidade pública. Assim sendo, *Sobre Viventes* é uma tentativa de serviço à sociedade.

Apesar de os casos de suicídio serem pouco noticiados, debates e campanhas de prevenção crescem nos veículos de comunicação. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), as mortes por suicídio aumentaram 60% nos últimos 45 anos. “Quase um milhão de pessoas se matam todos os anos – em um universo até 20 vezes superior de tentativas” (CHRISTANTE, 2010). No entanto, a grande quantidade de informações e estatísticas não mergulha nas histórias íntimas dos familiares e amigos que ficam. Para essas pessoas, a dor muitas vezes vem acompanhada de sentimentos de culpa, vergonha ou impotência. O propósito do trabalho é ir além dos números e, ao mostrar a experiência dolorosa dos sobreviventes, contribuir para os debates sobre o tema.

Nesta memória, descrevo os processos de pesquisa e construção do livro-reportagem *Sobre Viventes*. No referencial teórico, apresento um breve histórico do suicídio e os diferentes pontos de vista acerca do fenômeno. Em seguida, inicio as abordagens do suicídio pelo jornalismo e de que forma o tabu que envolve a morte voluntária se reflete no enquadramento feito pela imprensa e, por consequência, por toda a sociedade. No último capítulo do referencial teórico, situo o livro como um produto híbrido na interseção entre jornalismo literário, perfil jornalístico e livro-reportagem e justifico a pertinência desses três formatos para o projeto. Ao longo da metodologia, detalho o desenvolvimento do produto, desde a etapa das entrevistas até os retratos das fontes e, por fim, a criação do projeto gráfico e a impressão do material.

Para além de uma questão de saúde pública que precisa ser amplamente discutida, o suicídio é considerado, também, um ato filosófico. As nuances que existem por trás da

escolha de deixar a vida demonstram a complexidade em abordar o tema de maneira sensível, assim como a necessidade de se falar sobre. Em *O Mito de Sísifo* (1942), Albert Camus explica que o suicídio deve nos levar a refletir sobre as razões de viver e encará-lo de perto é dar um sentido mais digno à existência humana.

Só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder à pergunta fundamental da filosofia. O resto, se o mundo tem três dimensões, se o espírito tem nove ou doze categorias, vem depois (CAMUS, 2010, p. 17).

O caminho que guiou a construção desse livro começou com alguns questionamentos que acompanharam toda a trajetória acadêmica, desde a convenção existente entre os jornalistas de não noticiar suicídios e, por consequência, manter o assunto encoberto, até o sentimento de vergonha e culpa que persegue as famílias dos suicidas. Essas questões refletem que o suicídio ainda é um tabu, principalmente para a sociedade contemporânea e ocidental (DAPIEVE, 2007).

A necessidade de abordar o tema sob uma perspectiva sensível e humanista ganhou forma durante a disciplina *Jornalimos Especializados*, ministrada pela minha orientadora, Malu Fontes, quando me deparei com obras que utilizam o jornalismo literário para narrar desde fatos cotidianos até temáticas mais delicadas e fui coautora do trabalho *Casa de Memórias*, que concorreu ao prêmio Intercom 2015 na categoria Jornalismo Literário. Uma das leituras sugeridas para a disciplina foi o livro *A Milésima Segunda Noite da Avenida Paulista* (2003), de Joel Silveira, que reúne diversas reportagens, perfis e entrevistas sobre a sociedade paulistana e a vida cultural no Rio de Janeiro, narradas sob o humor ácido do jornalista sergipano. Outra referência que me auxiliou durante a pesquisa foi a biografia de Sylvia Plath, *Ísis Americana* (2015), escrita pelo jornalista Carl Rollyson. Nela, a escritora é mostrada não apenas como uma mulher melancólica que cometeu suicídio aos 30 anos, como ficou marcada, mas também como uma pessoa espirituosa, complexa e multifacetada.

Já decidida a criar um produto que abordasse o suicídio, busquei o formato que mais se aproximasse das atividades aprimoradas na graduação. A afinidade com o jornalismo impresso e o amadurecimento da minha escrita se devem, principalmente, à experiência com a rotina de uma redação durante o estágio no caderno de cultura (Caderno 2+) do jornal A Tarde. Lá, aprendi os percalços da prática jornalística e tive a oportunidade de desenvolver

pautas culturais, algumas de agenda e outras mais aprofundadas, relacionadas ao cenário cultural e comportamental baiano.

Nesse processo, também busquei leituras e referências relacionadas ao suicídio que pudessem me instrumentalizar para abordar a temática da melhor maneira. Uma delas foi o livro *Suicídio, o Futuro Interrompido: Guia para Sobreviventes* (2008), escrito pela jornalista Paula Fontenelle. Nele, a autora conta a própria história ao perder o pai para o suicídio quando ainda era criança, e tenta compreender o que o levou a tal extremo. Além disso, traz uma abordagem científica para o suicídio sob a perspectiva da saúde pública. Outra leitura que inspirou o trabalho antes mesmo de *Sobre Viventes* vir a ser um projeto foi o filme *Elena* (2012), de Petra Costa. O filme, intimista e poético, combina os gêneros do documentário e da ficção para apresentar Elena Costa, que mudou-se para Nova York em busca do sonho de se tornar atriz. As dificuldades no cenário artístico, junto com a depressão, levaram a jovem, irmã da diretora, a cometer suicídio. Na obra, Petra costura fragmentos gravados por ela, arquivos de família, filmagens caseiras e depoimentos em áudio, criando uma composição pessoal e, apesar de única, profundamente universal.

As duas referências - *Suicídio, o Futuro Interrompido* e *Elena* - trazem histórias narradas por quem testemunhou um suicídio de perto, respectivamente, do pai e da irmã. Ambas as mulheres são sobreviventes. Diferentemente dos relatos em primeira pessoa, em *Sobre Viventes* sou observadora - não passiva - das experiências descritas. Coloco-me como ouvinte das cinco pessoas que me revelaram suas dores para, depois, contar suas histórias. Os perfis, além de dar luz aos fatores que envolvem o suicídio, buscam, acima de tudo, apresentar possibilidades. Como disse Arthur Ituassu no prefácio do livro *Morreu na Contramão* (2007), “Pensar o suicídio é refletir sobre o sentido da vida”.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Para além da morte voluntária

O suicídio é um fenômeno cuja tentativa de explicação está presente na medicina, na psicologia e na filosofia. Além desses três campos, há as dúvidas dentro das pessoas, escondidas por trás dos tabus ocidentais que mantêm o assunto encoberto. Tabus que se consolidaram ao longo da história moderna e ajudaram a construir a figura estigmatizada do suicida. O suicídio nem sempre foi considerado um ato condenável. Suas variações, apresentadas a seguir, refletem as diversas transformações presentes nas culturas humanas.

O suicídio é definido como a morte voluntária provocada pela própria vítima em que ela tem consciência do que queria provocar (DURKHEIM, 2014). Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2014), o fenômeno está classificado como morte violenta causada por fatores externos, ou seja, não naturais, e representa um milhão de mortes ao ano, o equivalente a três mil suicídios por dia. No Brasil, de acordo com a pesquisa do Departamento de Informática do SUS¹ (DATASUS) realizada em 2012, durante um período de 16 anos, o número total de suicídios passou de 6.743 para 10.321. Os mesmos dados apontam que, nesse período, o número de mortes relacionadas à depressão cresceu 705% no país.

Antes de considerar o crescimento da quantidade de suicídios nos últimos anos e analisar o fenômeno sob o contexto da saúde pública, é importante compreender que a morte voluntária acompanha a existência humana desde sua origem e está presente em todas as sociedades. O suicidologista Edwin Shneidman destaca o suicídio como um fenômeno exclusivamente humano e sua única variação está no aspecto valorativo que é dado a ele. “Shneidman [...] considera o suicídio como o resultado final da confluência de um máximo de dor, um máximo de perturbação e um máximo de pressão. Trata-se de um engenhoso modelo cúbico, também conhecido pelo “cubo suicida de Shneidman” (1987)” (SARAIVA, 2010).

Diferentemente da cultura contemporânea, algumas sociedades ao longo da história antiga possibilitaram que seus indivíduos optassem pelo direito de morrer. Na cidade de

1

<<http://datasus.saude.gov.br/noticias/atualizacoes/512-saude-publica-em-alerta-no-brasil-mortes-por-depressao-crescem-mais-de-700-em-16-anos-mostram-dados-do-datasus>> Acessado em: 07 jul. 2017.

Marselha, na França, haviam depósitos públicos de cicuta para quem desejasse dar fim à própria vida (GOLDIM, 2000). O professor doutor em bioética da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), José Roberto Goldim, explica que, na Grécia Antiga, “Platão, Sócrates e Epicuro defendiam a ideia de que o sofrimento resultante de uma doença dolorosa justificava o suicídio. Aristóteles, Pitágoras e Hipócrates, ao contrário, condenavam o suicídio” (GOLDIM, 2000).

Na cultura oriental, a morte é vista como uma transição, uma etapa a ser alcançada no processo evolutivo do homem. Dessa forma, a morte voluntária também tem um significado diferente da lógica do ocidente. O Japão é um dos países com maiores índices de suicídio, apesar de, nos últimos anos, ter alcançado uma redução significativa, após a implementação de campanhas de prevenção. “No ano de 2013, a taxa nacional do Japão de suicídio foi de 21,4 mortes a cada 100.000 pessoas – muito acima de outros países desenvolvidos (12,7 mortes a cada 100.000 pessoas)” (HIRANO, 2015). A alta taxa de suicídio pode ser observada como consequência da cultura propagada ao longo da história, com a conduta dos *kamikazes* e também dos samurais, levando em conta o antigo ritual realizado por guerreiros a fim de manter a honra, o *seppuku* (também chamado de *harakiri*). Praticado ainda até meados dos anos 1940 e parte do código de ética dos samurais, o ritual em que os guerreiros cortavam a barriga e deixavam as vísceras expostas servia para restaurar uma conduta indigna e provar o caráter. Esse tipo de suicídio, tolerado e sacralizado, remonta a uma lógica que considera o ato heroico e virtuoso e reflete-se na cultura japonesa contemporânea mesmo décadas depois (QUADROS, 2010, p. 86).

A condenação ao suicídio tem suas origens a partir da ascensão do cristianismo. Santo Agostinho, em seu livro *Cidade de Deus* (428), argumentou que o suicídio era outra forma de homicídio e que, portanto, era proibido. Seja pela repressão religiosa, social ou moral, o ato suicida ainda é considerado crime de covardia e o suicida, sentenciado por manchar a família. Nos séculos XVII e XVIII, o forte preconceito fazia com que a morte voluntária fosse comparada ao assassinato. No livro *O Deus Selvagem* (1999), o ensaísta inglês Alvarez desenvolve um estudo do suicídio na cultura do ocidente desconsiderando as perspectivas da medicina (suicídio como patologia), e da religião (suicídio como pecado). “O horror primitivo do suicídio, que sobreviveu tanto tempo na Europa, era então o horror do sangue malignamente derramado” (ALVAREZ, 1999). Quando o suicida não morria, era preso, e quando morria, era enterrado separado das outras pessoas, enquanto a família era punida e

estigmatizada. A vergonha associada à morte voluntária persistiu com o passar dos séculos, reforçada principalmente pela cultura judaico-cristã e pelo sentimento de culpa por ela propagado. A consciência de que condenar o suicídio seria uma forma de prevenção passou a se diluir com o crescimento de campanhas e debates sobre o assunto nos últimos anos.

Além do fator moral-religioso que converteu o suicídio em pecado, o crescimento da sociedade capitalista a partir da idade moderna, que marcou não apenas as culturas ocidentais, também colabora com a estigmatização do suicídio. A mesma sociedade que tem a depressão como um signo legitimado - considerando que 80% dos casos de suicídio estão associados à depressão - é produtora de um discurso que encoraja a alta produtividade e a busca pela felicidade individual. Dessa forma, o discurso capitalista promove uma ditadura da felicidade e faz da vivência assumida da tristeza um símbolo de fracasso e vergonha, exceto quando essa tristeza torna-se produto, mercadoria objetificada pela Indústria Cultural² (ADORNO; HORKHEIMER, 1947). Consequentemente, conforme a prática capitalista, os não-produtivos são considerados doentes. Os marginais, os subversivos, os depressivos e suicidas, todos aqueles que, por opção ou inabilidade, não colaboram para a manutenção da lógica capitalista, caem no limbo dos “não-domesticados pelo capitalismo”, ou seja, são rejeitados e condenados à inutilidade.

Na revista científica da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Unespciência, Luciana Christante, editora-chefe e mestre em Neurociências e Comportamento, verificou o crescimento das taxas mundiais de suicídio e apontou caminhos possíveis e eficientes para a prevenção. Uma das formas de entender o que passava na cabeça de um suicida é por meio de autópsia psicológica. “Depois de alguns meses da morte, pesquisadores entrevistam pessoas da família, amigos e colegas de trabalho. No Brasil, o único trabalho deste tipo foi feito pela psicóloga Blanca Guevara Werlang, da PUC do Rio Grande do Sul” (CHRISTANTE, 2010). Em sua tese, orientada pelo psiquiatra Neury Botega, Werlang avalia os fatores que podem contribuir para a prevenção do suicídio, “como os vínculos afetivos bem cultivados, o bom relacionamento com a família, ter filhos, ter uma crença espiritual, uma condição financeira estável e realização profissional, por mais simples que seja a ocupação” (WERLANG apud CHRISTANTE, 2010).

² Termo proposto por Theodor Adorno e Max Horkheimer no ensaio *O iluminismo como mistificação das massas* (1947) para designar a mercantilização da cultura e da obra de arte na sociedade capitalista industrial.

Dados de autópsia psicológica mostram que aproximadamente metade dos indivíduos que faleceram por suicídio estava sofrendo de depressão; se considerarmos os indivíduos com outros transtornos mentais, para os quais a sintomatologia depressiva era central, como nos transtornos de ajustamento com sintomas depressivos, a porcentagem sobe para cerca de 80% (RICH; YOUNG; FOWLER, 1996, apud BOTEGA, 2006, p. 217).

Como resultado desse cenário de marginalização e estigmatização, contrário à lógica capitalista e às leis cristãs, o suicídio, na maioria das vezes, provoca pouca compaixão. A psicóloga coordenadora do Núcleo de Estudo de Prevenção do Suicídio (NEPS/CIAVE), localizado no Hospital Roberto Santos, Salvador (BA), Soraya Carvalho, durante a palestra online *Aspectos técnicos e éticos na abordagem de pessoas em risco de suicídio*³, desconstruiu mitos, como alguns supracitados, e alertou para os sinais e sintomas da formação da ideia suicida. Segundo Soraya, a primeira reação das pessoas ao se ter conhecimento de alguém que escolheu morrer costuma ser de revolta e indignação. Isso acontece porque, por não conhecer o fenômeno, as pessoas tendem a reduzi-lo a ideias simplistas e, com elas, contribuir para o preconceito. Após as reações de indignação, é comum ouvir que o suicida era louco, queria chamar atenção ou magoar alguém, mas pouco se presta atenção à dor psíquica e ao sofrimento que antecede a sua morte.

Após o crescimento dos registros de suicídio feitos pelos órgãos públicos nas últimas décadas, foi-se percebendo que o mal estar ligado à existência humana, assim como as ideações suicidas, devem ser vistos como um problema grave de saúde pública mundial. Segundo a Secretaria de Saúde da Bahia⁴ (Sesab), a taxa de suicídio entre os brasileiros de 15 a 29 anos cresceu mais de 40% nos últimos 10 anos e dados preliminares apontam que, apenas na Bahia, entre 2010 e 2017, foram registrados 3.324 casos de suicídio, sendo que apenas neste ano⁵ (abril de 2017) são 114 registros.

Apesar dos números alarmantes, as campanhas, cartilhas e ações de combate e prevenção ao suicídio são consideravelmente recentes. Setembro Amarelo⁶, por exemplo, é uma das campanhas mais populares de conscientização sobre a prevenção do suicídio. A campanha nasceu em 2014, com o objetivo direto de alertar a população a respeito do

³ Web palestra realizada em 26/04/2017 através do portal TelessaúdeBA.

⁴ Disponível em:

<http://www.saude.ba.gov.br/ciave/index.php?option=com_content&view=article&id=537:taxa-de-suicidio-cresce-mais-de-40-entre-os-brasileiros-de-15-a-29-anos&catid=13:noticiasprofissionaisgestor&Itemid=59>

Acessado em: 07 jul. 2017.

⁵ Dados disponibilizados em: 25 abr. 2017.

⁶ Retirado do site oficial <<http://www.setembroamarelo.org.br/>>. Acessado em: 07 jul. 2017.

suicídio no Brasil e no mundo sobre suas formas de prevenção. Mesmo com ampliação do debate, o suicídio permanece como tabu no campo da saúde e em outros espaços. Isso acontece por conta da censura social e da desinformação ainda corrente. Em *Totem e Tabu* (2014), no capítulo *O tabu e ambivalência de sentimentos*, Sigmund Freud analisa as estruturas de tabu das diversas culturas humanas abordando o indivíduo e as estruturas sociais, tanto pelos traços distintivos das culturas, como pelos elementos inerentes às sociedades humanas. Nesse sentido, a morte voluntária pode ser observada como tabu pela proibição e condenação social cometidas ao indivíduo comete suicídio.

As restrições do tabu são algo diferente das proibições religiosas ou morais. Elas não são atribuídas ao mandamento de um deus, mas no fundo são evidentes por si mesmas; o que as distingue das proibições morais é o fato de não estarem incluídas num sistema que declare de um modo bem geral a necessidade de renúncias e que também fundamente essa necessidade. As proibições do tabu carecem de qualquer fundamentação; são de origem desconhecida; incompreensíveis para nós, parecem naturais para aqueles que se encontram sob seu domínio (FREUD, 2014, p. 58).

Sendo assim, pode parecer natural a algumas pessoas o julgamento do suicídio, principalmente porque o fenômeno vai de encontro ao instinto natural do ser humano de preservação da vida. No entanto, a condenação não evita a morte voluntária e é prejudicial para o suicida. A psicóloga Soraya Carvalho aponta que, além da depressão, o comportamento suicida costuma estar associado à baixa autoestima, sentimento de culpa e rejeição, agressividade, apatia, isolamento social, dependência química, entre outros. Para alguém que apresenta uma dor existencial tão profunda a ponto de levar ao suicídio, o silêncio e a falta de informação podem contribuir para que se cometa tal ato. Não condenar a pessoa com ideação suicida não é o mesmo que defender o suicídio e, sim, uma maneira de demonstrar que ela é compreendida.

Para se compreender o suicídio sob uma perspectiva mais ampla, é fundamental observá-lo como um fenômeno presente em toda sociedade e em todos os períodos da vida humana. É a partir dessa observação que Émile Durkheim, no livro *O Suicídio* (1897), o descreve como um fenômeno coletivo que tem suas origens fundamentadas na própria sociedade, sem, no entanto, abandonar a influência exercida pelo fator psicológico. O sociólogo transformou as abordagens do tema ao retratá-lo como a expressão individual de um fenômeno coletivo, e não como a expressão individual de uma doença, como era visto até

então. O interesse da sociologia é, então, analisar o processo social, os fatores sociais que agem não apenas sobre os indivíduos isolados, mas sobre a sociedade (DURKHEIM, 2014).

O importante não é exprimir com um pouco de precisão, a noção de suicídio que a inteligência média forjou, mas sim constituir uma categoria de objetos que, ao mesmo tempo em que possa ser, sem inconveniente, rotulada sob essa rubrica, seja também fundamentada objetivamente, isto é, corresponda a uma natureza determinada de coisas (DURKHEIM, 2014, p. 14).

Assim como Durkheim, que observa o suicídio como fenômeno social, Karl Marx (1976) parte do mesmo princípio, mas analisa o ato de morte como um dos sintomas de uma luta social, afirmando que “muitos indivíduos cometiam suicídio ou para eliminar a dor existencial ou para escapar de convenções sociais devastadoras”. A partir das reflexões sobre um texto de Jacques Peuchet (1758-1830), um ex-arquivista policial de Paris, Marx observa a “coisificação” do ser humano na vida burguesa capitalista (DAPIEVE, 2007).

“Juntos”, os dois autores defenderam os suicidas da acusação de anormalidade e covardia, argumentando que o suicídio pode se afigurar como a única porta deixada aberta pela opressão, a única saída de uma rotina de abjeções e indignidades: “O suicídio não é, de modo algum, antinatural, pois diariamente somos suas testemunhas. O que é contra a natureza não acontece. Ao contrário, está na natureza de nossa sociedade gerar muitos suicídios.” Mais de um século e meio depois, com as taxas de suicídio mantendo curvas ascendentes, continuamos como testemunhas, mas de um tipo muito particular: aquele que se recusa a ver o que ocorre à sua volta (DAPIEVE, 2007, p. 22-23).

Além dos fatores sociais, condições genéticas também podem estar associadas ao suicídio. A combinação de agentes e variáveis fazem do suicídio um fenômeno complexo e delicado de ser compreendido. Se somados a esses fatores forem levados em conta os preconceitos e equívocos existentes, fica claro o motivo de ainda haver tanta desinformação mesmo nos dias de hoje. “O suicídio é visto atualmente como um transtorno psicossocial de causas múltiplas, em que fatores biológicos, psíquicos, sociais e culturais interagem de forma complexa, aproximando ou afastando as pessoas do abismo psíquico” (CHRISTANTE, 2010).

O mesmo tabu que mantém o suicida em um lugar de fracasso é o tabu que esconde a família dentro de uma redoma de culpa e vergonha. Além da dor da perda e da saudade que acompanham os sobreviventes do suicídio, a sensação de impotência os persegue por anos ou, às vezes, por toda a vida. “A morte talvez finalize o sofrimento de quem se suicidou, mas o sofrimento de quem ficou, o enlutado, é iniciado” (FUKUMITSU et al, 2015).

2.2. O tabu no jornalismo

A marginalização que envolve o suicídio seguida pela estigmatização do fenômeno são, ao mesmo tempo, causa e consequência da falta de informação que circula sobre o tema. Há um ciclo quase que ininterrupto que mantém o assunto silenciado pela sociedade e, por consequência, pelos veículos de comunicação.

Apesar do grande interesse social que o suicídio desperta, há uma convenção existente no jornalismo que mantém a maioria dos casos de suicídio silenciados. Funciona como um acordo silencioso, como se fosse do conhecimento básico de todo jornalista, e permanece respeitada pela imprensa. Há em sua defesa os argumentos de que notícias sobre suicídio desrespeitam a família e os amigos da vítima e publicizam desnecessariamente o sofrimento íntimo. No entanto, a razão mais difundida para não abordar o suicídio nas páginas dos jornais se deve ao temor de, ao noticiá-lo, incentivar novos casos.

A ideia do suicídio por contágio, ou seja, que ao publicar um caso de suicídio corre-se o risco de influenciar suicidas em potencial, ganhou o nome de Efeito Werther. O termo surgiu na Alemanha para denominar a onda de suicídios, principalmente entre jovens, após a publicação do romance clássico de Goethe, em 1774, *Os sofrimentos do Jovem Werther*. No romance, o rapaz comete suicídio após uma desilusão amorosa. Muitos jovens, após lerem o livro e influenciados pelo amor romântico que marcava as obras de arte da época, foram encontrados mortos com a publicação em mãos. “O receio do contágio é uma preocupação, ou uma justificativa, canônica no tratamento do tema” (DAPIEVE, 2007).

No artigo *O suicídio na pauta jornalística* (2010) escrito por Carolina Pompeo Grando para o Observatório da Imprensa (edição 596 da seção Diretório Acadêmico), a autora analisa o silêncio mantido pela imprensa nas coberturas de suicídio e aponta a divergência de opiniões entre especialistas sobre qual a abordagem adequada para os casos de morte voluntária:

Realmente, a mídia opera nesse silêncio por causa de uma coisa que os especialistas chamam de ‘contágio’. Tem até um exemplo [...], que é o de Marilyn Monroe. Ela cometeu suicídio em agosto de 1952. Um mês depois, nos Estados Unidos, houve 197 suicídios a mais que a média. O ‘contágio’ existe. Por outro lado, o silêncio não ajuda. O que a mídia tem de fazer é tratar o tema de uma forma adequada. Não sensacionalizar e não focar no método. Ter preocupação com o ‘contágio’ é louvável, mas é preciso informar. [...] O tabu existe em todos os lugares. A diferença está na forma como a mídia é capacitada para isso. Na Austrália, o governo dá treinamento

à mídia sobre como tratar o assunto. Nos Estados Unidos, também tem um esforço grande nesse sentido. Na Inglaterra, igual. Esses são os três países mais preparados para lidar com o tema (FONTENELLE, 2009, apud GRANDO, 2010).

A omissão dos jornalistas, no entanto, se deve menos à dificuldade em abordar o tema, conforme recomendam os manuais para profissionais da mídia, e mais à dificuldade em compreender o suicídio. As pautas que envolvem o ato suicida, quando existem, refletem os tabus sociais de um assunto pouco abordado, ora por medo de condenar o suicida e expor seus entes queridos, ora pela possibilidade de, indiretamente, associar o ato de sacrificar a própria vida a um gesto heróico e romantizado e incentivar outros suicidas. “Há ainda as dúvidas e os incômodos de trabalhar um tema que, na maioria dos casos, provoca muita dor e muitos questionamentos filosóficos quanto ao valor da vida, à mortalidade e ao direito de cada indivíduo sobre a sua vida e a sua morte” (GRANDO, 2010).

Desconfio que é mais um problema religioso, de a Igreja católica negar enterro, do que propriamente um medo de que se propagassem os suicídios aí pelo mundo, um medo de gerar imitação. Isso no Brasil. Não sei como é na imprensa estrangeira. Era uma dessas regras não-escritas da imprensa. Não sei como começou. Só sei que dizíamos assim: ‘Não publicamos suicídio’. No próprio dia-a-dia, em decisões que nós fomos tendo de tomar, a regra não-escrita foi sendo abolida. Não há motivo para não noticiar um suicídio, sendo que você noticia coisas muito mais violentas, agressivas e potencialmente destrutivas para a moral da sociedade. Até porque esta é uma longa discussão na imprensa. O que se publica que vai gerar danos à sociedade? Há uma quantidade grande de leitores que acha que existe violência no Rio de Janeiro porque os jornais publicam violência no Rio de Janeiro. Então, por aí, você não publica mais nada, não tem jornalismo (FERNANDES, 2005, apud DAPIEVE, 2006, p. 106-107).

Se notícias de suicídio se mantêm veladas pelo medo de uma abordagem equivocada, quando algum veículo quebra a regra tácita do jornalismo e abre espaço para elas, quase sempre ficam limitadas ao sensacionalismo e à superficialidade. Nesses casos, em que as coberturas narram o fato pouco apurado, usualmente em pequenas notas, além de possivelmente desrespeitar a família, em luto com a perda recente, há, de fato, uma chance de sustentar ideias suicidas. Da mesma forma, os veículos de comunicação não devem publicar fotos e vídeos que mostram como aconteceu um suicídio ou descrever detalhadamente os métodos utilizados pelo suicida.

Alguns autores, atribuindo à imitação um poder que ela não tem, pediram que as notícias de crimes e de suicídios fossem proibidas nos jornais. É

possível que a proibição de tais notícias conseguisse diminuir de algumas unidades o montante anual destes diferentes atos. Mas é muito duvidoso que conseguisse alterar a taxa social. A intensidade da tendência coletiva permaneceria a mesma, porque o estado moral dos grupos não seria alternado com isso (DURKHEIM, 2014, p. 146).

A prática suicida não é encorajada ao ser abordada, mas pode ser a depender da maneira com que se fala. A Organização Mundial da Saúde (OMS), em 2000, lançou o *Supre*, uma série de manuais orientando diversas categorias de profissionais na compreensão e abordagens adequadas do suicídio através do programa de prevenção. Um deles é o *Manual para Profissionais da Mídia*, que apresenta a justificativa de que uma imprensa negligente pode influenciar a prática suicida e traz várias orientações para guiar o jornalista quando for elaborar pautas sobre suicídio. No capítulo *Como noticiar casos específicos de suicídio*, uma das recomendações refere-se aos sobreviventes: “As reportagens devem levar em consideração o impacto do suicídio nos sobreviventes, em termos de estigma e sofrimento familiar” (OMS, 2000).

O suicídio não deve ser mostrado como inexplicável ou de uma maneira simplista. Ele nunca é o resultado de um evento ou fator único. Normalmente sua causa é uma interação complexa de vários fatores, como transtornos mentais e doenças físicas, abuso de substâncias, problemas familiares, conflitos interpessoais e situações de vida estressantes. O reconhecimento de que uma variedade de fatores contribui para o suicídio pode ser útil (OMS, 2000, p. 7).

Os meios de comunicação, quando abordam o suicídio após criteriosa e extensa apuração, podem auxiliar na prevenção do ato. O psiquiatra Neury José Botega, doutor em saúde mental (Unicamp) e pesquisador do suicídio no Brasil, destaca que ocultar o fenômeno fomenta o tabu e os preconceitos que o rodeiam. “Alguns manuais de redação recomendam simplesmente não noticiar, mas isso acaba reforçando o tabu em torno do assunto, coloca-se o problema debaixo do tapete. E as pessoas pensam que suicídio não é um problema” (CHRISTANTE, 2010). Dessa forma, excluir a temática da esfera pública é desfavorável e ineficaz para a população e para a saúde pública, já que, a omissão das notícias de suicídio é um desserviço à população, que já encontra dificuldades em lidar com o tema.

Ao abordar o suicídio em suas páginas diárias, a imprensa também poderia contribuir oferecendo informações e incentivando um debate sobre como auxiliar pessoas com tendências suicidas, como superar a perda de uma pessoa querida por suicídio, como relações familiares e escolares podem influenciar crianças e adolescentes a pensarem em suicídio em decorrência

de uma pressão social vinda dessas instituições que eles não conseguem suportar e, por fim, e talvez principalmente, fomentar um debate sobre como a morte voluntária não é uma forma menos digna de morrer e, assim, contribuir para a desconstrução de um tabu e de preconceitos que povoam o imaginário coletivo e impedem que famílias e amigos de suicidas, bem como, suicidas potenciais consigam compreender melhor o significado e as consequências desse ato (GRANDO, Observatório da Imprensa, 2010, Ed. 596).

Abrir espaço nos meios de comunicação para falar de suicídio, em vez de incentivar suicidas em potencial ou desrespeitar a família - o que acontece se o veículo usar uma abordagem sensacionalista - pode auxiliar pessoas que precisam de apoio, sejam aquelas com ideias suicidas ou próximas de quem se suicidou.

No livro *Morreu na Contramão - O suicídio como notícia* (2007), Arthur Dapieve propõe uma investigação sobre as abordagens do suicídio pela imprensa e destaca como a maneira com que o fenômeno é abordado espelha a nossa maneira de lidar com o tema. Considerando o papel social do jornalista de construir histórias a partir de fenômenos de interesse público e a notícia como elemento reprodutor e formador de opinião, ele observa como o tabu do suicídio na imprensa (e sociedade) reflete a incapacidade humana de enfrentar o próprio sentido da existência.

Percebi, nesta análise, que muito mais do que ser determinante do modo como os leitores encaram o suicídio, a imprensa, sim, é determinada pela visão que os leitores têm da morte voluntária. Dentro dessa perspectiva, a imprensa se colocaria não como vetor do “contágio”, mas como instância social solidária ao tabu que a suplanta (DAPIEVE, 2007, p. 19-20).

A polêmica que envolve o suicídio e o mantém silenciado pela imprensa é objeto de inúmeras pesquisas, opiniões e controvérsias entre pesquisadores e dentro da própria classe jornalística. As divergências acabam por colaborar com o *status quo* e manter os casos de suicídio encobertos, por precaução. A dificuldade em tratar da dor psíquica, a dor da existência, supera qualquer compromisso em noticiar fatos de interesse público. Normalmente, as exceções acontecem quando pessoas públicas cometem suicídio, quando o suicídio envolve outras mortes ou acontece em espaços públicos, afetando a vida de outras pessoas. O suicídio de Getúlio Vargas, em 24 de agosto de 1954, por exemplo, está entre os fatos históricos mais significativos da história brasileira. A população, mobilizada, ia às ruas em revolta pelo presidente que disparou um tiro no peito por uma causa, em suas palavras, maior que sua própria vida, o povo brasileiro. “Além de sacramentar a entrada de Vargas na

história como uma espécie de mártir do povo - como ele próprio intuiu e registrou na carta-testamento - o suicídio teve até mesmo o poder de adiar por uma década uma ruptura institucional cujas raízes, profundas, vinham do movimento tenentista da década de 20” (O GLOBO, 2004, apud DAPIEVE, 2007). Durante a finalização dessa memória, outra notícia chamou a atenção. No dia 17 de julho de 2017, uma segunda-feira, Getúlio Vargas Neto cometeu suicídio, aos 61 anos. “Ele repetiu o gesto do pai, Maneco Vargas, e do avô Getúlio Vargas, ex-presidente da República, que se mataram com um tiro no peito” (O GLOBO, 2017). Em matéria, o jornalista Reinaldo José Lopes, em colaboração para A Folha de S. Paulo, aprofunda o ocorrido ao explicar que suicídios recorrentes na mesma família podem ser influenciados por um componente genético. “A relação entre esse aspecto hereditário e a decisão de pôr fim à própria vida, porém, é indireta, complicada e difícil de esmiuçar, sem nenhuma semelhança com uma suposta ‘maldição no DNA’” (LOPES, 2017).

Independentemente do que apontam pesquisas e estudos de outras áreas acerca da possível influência da mídia sobre o aumento de suicídios na sociedade, a imprensa, no geral, posiciona-se contrária à divulgação, salvo em casos bastante específicos nos quais o suicida foi uma personalidade pública ou quando sua morte implica consequências sociais, como no caso de políticos, por exemplo. Essa realidade indica como a imprensa também é vítima de tabus, como ela reforça e reflete esse comportamento social. Além disso, a determinação de não dispensar tratamento jornalístico ao suicídio surgiu de maneira informal e, aos poucos, tornou-se convenção (GRANDO, Observatório da Imprensa, 2010, Ed. 596).

Nos últimos anos, a quantidade de informações sobre o suicídio tem crescido consideravelmente nos meios de comunicação, principalmente na internet. A notória necessidade de abordar o tema como um problema grave de saúde pública ampliou o debate e, com isso, aumentou a quantidade de matérias, pesquisas e reportagens que ressaltam a importância de se compreender o suicídio como um problema social e como a desmistificação pode ajudar na prevenção. A todo momento surgem novas campanhas, dados e estatísticas relevantes sobre o suicídio. São dados de pesquisas que assustam e despertam as pessoas para um problema tão presente na sociedade e, ao mesmo tempo, tão velado.

Além das campanhas e pesquisas sobre o tema, as abordagens do suicídio na esfera do entretenimento, especialmente no cinema e na televisão, colaboraram para o crescimento das discussões. No dia de 31 de março de 2017, a Netflix, plataforma de *streaming* de conteúdo audiovisual, lançou a série *13 Reasons Why* (Os treze Porquês), que gerou alvoroço nas redes

sociais e levantou debates controversos sobre a morte voluntária. O drama adolescente, baseado no livro homônimo de Jay Asher, traz a história de Hannah Baker, uma jovem de 17 anos que sofre *bullying* pelos colegas de escola. Os treze episódios da produção apresentam a cruel evolução das agressões contra a garota que desencadeiam no seu suicídio ao final da narrativa. A repercussão da trama dividiu opiniões não só pela temática, mas pela maneira com que ela foi abordada, considerada por especialistas, irresponsável e perigosa.

O primeiro equívoco estaria no principal elemento que costura os episódios, treze gravações em fitas cassete nas quais a jovem aponta cada pessoa que, de alguma forma, a levou a cometer suicídio. A história se desenvolve a partir da inquietação para descobrir de quem é a culpa do suicídio de Hannah. O psiquiatra Luís Fernando Tófoli, no texto⁷ publicado na sua página no Facebook, *13 Parágrafos de Alerta sobre “13 Reasons Why” para pais, educadores e profissionais de saúde*, apontou o quanto os produtores da série foram negligentes ao escolher centralizar a narrativa dessa forma. “Os especialistas entendem que a busca por culpados é dolorosa e improdutiva. O suicídio é, na sua imensa maioria das vezes, um ato complexo, desesperado e ambíguo, e achar que ele possa ter responsabilidade atribuível é equivaler sua narrativa à de um crime” (TÓFOLI, 2017). Tófoli destacou que o erro mais grave da produção foi exibir explicitamente o suicídio da adolescente, indo de encontro às recomendações dos manuais de prevenção ao suicídio. “Meu ponto principal neste texto não é estragar a série [...], e sim de que pais, educadores e adolescentes estejam cientes de que o programa tem o potencial de causar danos a pessoas que estão emocionalmente fragilizadas e que poderão, sim, ser influenciadas negativamente” (TÓFOLI, 2017).

Apesar das inúmeras críticas negativas, a produção também foi elogiada por direcionar o tema para o público jovem e abordar questões relevantes como bullying, machismo, LGBTfobia e abuso sexual. A obra tem seu valor reconhecido pelo fato de dar luz a um problema grave de saúde pública, no entanto, falha em sua concepção. A repercussão, mesmo que negativa, incentiva as discussões sobre a importância de se falar sobre o suicídio levando em conta as devidas precauções. “O mais importante é frisar que nunca tivemos uma campanha nacional responsável de prevenção do suicídio – apesar do reconhecimento

⁷ Texto publicado em 09 abr. 2017. Disponível em: <<https://www.facebook.com/lftofoli/photos/a.337423276451452.1073741828.159217847605330/647490008778109/?type=3&theater>>. Acessado em: 04 ago. 2017.

importante papel do voluntariado do CVV - Centro de Valorização da Vida – e de haver documentação sobre formas de se fazer essa política pública de maneira eficiente” (TÓFOLI, 2017).

Mesmo com a recente proliferação de informações sobre a morte voluntária, indispensáveis para quebrar preconceitos e ampliar debates, poucas abordam a dor de perder alguém para o suicídio; elas não adentram na angústia daqueles que não conseguem ver saída para o seu sofrimento, nem na saudade deixada por uma morte prematura e voluntária. A necessidade aprofundar o olhar sobre o tema e buscar o que há de frágil e doloroso por trás das estatísticas foi o que norteou a construção deste trabalho. Os números encontrados ajudaram a fundamentar a pesquisa, mas não revelam as sutilezas que envolvem o suicídio, apenas a necessidade de aprofundar o assunto.

A dificuldade de escrever sobre suicídio deve-se ao temor de incorrer uma abordagem inadequada e às restrições das famílias que, quase sempre, preferem silenciar suas perdas. Na maioria dos casos, as pessoas próximas do suicida não conseguem lidar com o sentimento de culpa e vergonha e, assim como nos outros tabus, é um desafio tocar em um tema tão delicado e desconfortável. É como se houvesse uma corda bamba invisível que separasse a romantização do julgamento e coubesse ao jornalista se equilibrar e atravessar essa linha sem tropeços. Consequentemente, é difícil cobrar da imprensa notícias aprofundadas sobre o tema, já que, para notícias factuais, o assunto deve estar recente.

Para suprir a necessidade de criar e ampliar os diálogos entre imprensa e sociedade sobre um fenômeno de tamanho interesse social, cabem abordagens detalhadas, que respeitem a dor de quem perde alguém para o suicídio e provoquem reflexões amplas. Na contracorrente do silêncio existente entre os sobreviventes de um suicídio, muitos familiares se propõem a compartilhar suas experiências. São pessoas que, com o tempo, aprenderam a lidar com a dor da perda de uma maneira que as permitiu seguir em frente e superar os sentimentos de culpa e vergonha.

Na busca pelas respostas desta pesquisa, entendi que o silêncio era menor do que eu supunha e, mais até, o que me incomodava era o tom das palavras, a desqualificação do suicida como fanático religioso, criminoso ou louco. Tudo isso, como escreveu José Carlos Rodrigues, “não se explica apenas porque o suicídio seja um desafio ao poder, mas também porque todo verdadeiro desafio ao poder seja de natureza suicidária”. Para o antropólogo, os suicídios “são uma escandalosa afirmação do direito à liberdade e à dignidade, afirmação que o opróbrio lançado contra o suicida e seus próximos tenta anular”. Concordo inteiramente com essa visão, que não

pode ser confundida com uma mera defesa da morte voluntária, e sim deve ser entendida como um apelo a encará-la, pelo que ela é. Fazer a apologia do suicídio, afinal, seria tão inútil quanto fazer a apologia da vida (DAPIEVE, 2007. p. 171).

2.3. Jornalismo literário e livro-reportagem

Em busca de uma abordagem humanista e detalhada, *Sobre Viventes* é um livro-reportagem que foi construído seguindo os princípios do jornalismo literário, gênero jornalístico que se propõe a trazer o conteúdo de forma mais aprofundada do que o jornalismo cotidiano. O que me guiou na construção dessas narrativas foi tentar ir além do objetivo fundamental do jornalismo de informar e ter a possibilidade de absorver as nuances de cada entrevistado, me colocar no próprio texto e buscar a construção de um material perene e relevante. A junção de dois gêneros distintos - jornalismo e literatura - deu origem a um gênero de especificidades próprias que une técnicas da prática de redação com os ingredientes principais da narrativa literária: observação, descrição e narração. Para definir o gênero, Felipe Pena (2013) reuniu sete itens, “todos imprescindíveis, formando um conjunto harmônico e retoricamente místico”, ao que chamou estrela de sete pontas:

Não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária em um livro-reportagem. O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente emburhar o peixe na feira (PENA, 2013, p.13).

O jornalismo literário integra o conceito do *new journalism*, ou novo jornalismo, movimento iniciado nos Estados Unidos na década de 1960. O manifesto do gênero foi escrito por Tom Wolfe em 1973 e reflete a insatisfação de muitos jornalistas com os padrões de objetividade da imprensa. Segundo Wolfe, o objetivo do estilo é: “descrever a realidade tão detalhada e fielmente quanto possível, conferindo a tal descrição um tratamento até então destinado exclusivamente ao romance ou ao conto” (WOLFE apud BUENO, 1994, p. 7). A fim de capturar o leitor tanto emocionalmente quanto intelectualmente, esse tipo de texto jornalístico tem a possibilidade de recorrer aos artifícios literários: “diálogos, monólogos interiores, teorizações ensaísticas” (WOLFE apud BUENO, 1994, p. 7). Entre os autores

desse período que se destacam ao narrar literariamente acontecimentos reais, estão Truman Capote, Gay Talese e Norman Mailer.

Essa tendência foi apenas a expressão moderna de algo que sempre existiu ao lado da corrente convencional do jornalismo: o "jornalismo literário". Repórteres rebeldes sempre procuraram, ao longo da história, manter viva a chama da reportagem mais solta, criativa, provocante, tirando da literatura - e de outras formas de compreensão e expressão do mundo - inspirações renovadoras (LIMA, 2002, p. 51).

É importante salientar que jornalismo literário e novo jornalismo são conceitos distintos. Vitor Necchi, no artigo *A (im)pertinência da denominação "jornalismo literário"* (2009), destaca que o novo jornalismo representa um momento específico, "uma fase do jornalismo literário" (NECCHI, 2009). Foi um período em que a contracultura ganhava força e a literatura fugia de padrões formais e abordava temas controversos. "Isso tudo ecoou no jornalismo. Podia-se fazer mais, então acabou retomada a idéia de que a arte de contar boas histórias é fundamental para o jornalismo" (NECCHI, 2009, p. 104). Muito antes desse período, entretanto, já havia um modelo de escrita que usava recursos literários para aprofundar a abordagem sobre fatos reais. No Brasil, por exemplo, Euclides da Cunha escreveu *Os Sertões* (1902), obra que foi publicada baseada nas reportagens do jornal O Estado de S. Paulo, em 1897 (NECCHI, 2009). Os autores brasileiros que caminham por essa vertente são Fernando Morais, Caco Barcellos, Domingos Meireles e Ruy Castro, entre outros. "A idéia mais adequada, quando se fala em jornalismo literário, é a da adoção de um estilo literário, e não ficcional, na escrita. O ponto de partida sempre é a realidade – ou a noção que se tem de realidade" (NECCHI, 2009, p. 108).

Se a prática do jornalismo cotidiano é transformar o fato em notícia, o jornalismo literário serve para transformar o fato em história. Ou seja, não é ignorar as técnicas de redação, mas ultrapassá-las, romper com os moldes de periodicidade e atualidade que enquadram o jornalismo cotidiano e desenvolver observação e apuração rigorosas, permitindo à escrita a utilização de elementos que ampliam a notícia para que esta se torne perene (PENA, 2013). Escrever uma narrativa literária envolve: "registrar gestos, hábitos, costumes, vestuário, decoração e tudo que sirva para o leitor situar, deduzir, inferir melhor o estado de ânimo dos personagens focalizados pela matéria, os cenários dos relatos, a época, a posição que ocupam na sociedade ou que gostariam de ocupar. O objetivo é fazer o leitor captar uma impressão mais densa e completa da realidade que o relato reproduz. (LIMA, 2009, p. 50).

No jornalismo literário, a objetividade, até então, prezada pela imprensa fica em segundo plano. Ela pode caber nos espaços pequenos dos jornais ou nas notícias apressadas que precisam responder às seis questões básicas que formam o *lead* - Quem? O quê? Como? Onde? Quando? Por quê? - logo no primeiro parágrafo, mas não em um texto do jornalismo literário. É a comunhão exata entre as informações práticas e as minúcias por trás de cada notícia que confere a um texto o gênero jornalismo literário.

Na concepção do livro e de cada uma das cinco histórias, pessoas anônimas contaram suas experiências a partir dos próprios pontos de vista, desfiaram suas memórias e dividiram a dor deixada pelo suicídio. Cada passagem foi escrita apenas sobre o relato de uma única fonte, sem interferência direta de especialistas que pudessem trazer um conhecimento legitimado sobre o suicídio, ou seja, sem definidores primários - fontes oficiais que trazem informações técnicas e especializadas, dados ou um parecer válido sobre o assunto que se escreve.

A sexta ponta da estrela evita os definidores primários, os famosos entrevistados de plantão. Aqueles sujeitos que ocupam algum cargo público ou função específica e sempre aparecem na imprensa. São as fontes oficiais: governadores, ministros, advogados, psicólogos, etc. Como não há tempo no jornalismo diário, os repórteres sempre procuram os personagens que já estão legitimados neste círculo vicioso. Mas é preciso criar alternativas, ouvir o cidadão comum, a fonte anônima, as lacunas, os pontos de vista que nunca foram abordados (PENA, 2013, p. 15).

Um dos principais elementos do gênero, fundamental no processo de construção de um livro-reportagem, é a perenidade. Diferentemente das reportagens diárias que costumam cair no esquecimento ou se invalidam no dia seguinte, o objetivo é resistir por gerações. E é preciso considerar todas as diversidades de contextos, realidades e sutilezas para se fazer perdurar por mais tempo que o jornalismo cotidiano. “Aplicando técnicas literárias de construção narrativa, uma obra baseada nos preceitos do jornalismo literário não pode ser efêmera ou superficial: seu objetivo é a permanência” (PENA, 2013, p.15).

Na tradição clássica do jornalismo literário, o texto-perfil é relevante por sua durabilidade e narratividade. Mesmo que meses ou anos depois da publicação o protagonista tenha mudado suas opiniões, conceitos, atitudes e estilo de vida, o texto pode continuar despertando interesses (VILAS BOAS, 2014, p. 271).

No jornalismo literário as narrativas propõem uma representação direta do real através da contextualização e interpretação de determinados acontecimentos, ora explicando e complementando, ora procurando retratar os fatos de uma maneira mais lírica. “Os temas são abordados de forma objetiva, ainda que os ângulos subjetivos modulem a narrativa” (PENA, 2013). Dessa maneira, procurei não limitar *Sobre Viventes* unicamente a descrição dos fatos, mas a uma construção híbrida que apresenta um contexto específico sob o ponto de vista no qual escrevo. Apesar das estratégias ficcionais utilizadas, “o chamado jornalismo literário precisa se ater ao que de fato ocorreu porque se trata de jornalismo, e não de ficção” (NECCHI, 2009, p. 108).

Mais do que uma escrita que flerta com técnicas típicas do labor literário e se propõe a instigar, seduzir, provocar sensações e despertar o interesse do leitor, o chamado jornalismo literário foge de olhares pré-formatados e rende textos – sejam reportagens ou perfis – que surpreendem a partir de uma pauta que rompe com visões óbvias ou hegemônicas sobre a realidade (NECCHI, 2009, p. 103).

Sobre Viventes é apresentado em cinco narrativas diferentes, como uma coletânea de perfis costurados por um fio condutor. De acordo com Sérgio Vilas Boas, o perfil é um tipo de texto biográfico sobre uma única pessoa. Em ensaio publicado no livro *Perfis: o mundo dos outros* (2014), ele explica que o formato busca “se debruçar sobre uma faceta específica da vida de alguém”, diferentemente das biografias, que costumam reunir diversos aspectos e episódios dessa vida: “O autor do perfil de um indivíduo vivo se concentra apenas em alguns aspectos. A similaridade entre biografia e perfil reside no fato de que, em ambos, tudo gira em torno do personagem central” (VILAS BOAS, 2014). Dessa forma, na construção do livro, me concentrei em um único aspecto da vida dos entrevistados, a perda de um ente querido para o suicídio, e desenvolvi, a partir desse aspecto, as dores e memórias que fazem parte de cada perda.

Os perfis cumprem um papel importante, que é exatamente gerar empatia no leitor. Empatia é a preocupação com a experiência do outro, a tendência a tentar sentir o que sentiria se estivesse nas mesmas situações e circunstâncias do outro; compartilhar as alegrias e tristezas do outro; imaginar as situações do ponto de vista do outro (VILAS BOAS, 2014, p. 272).

Durante a feitura do livro, desde a primeira etapa, dedicada a construir entrevistas e ouvir personagens, até a escrita definitiva dos perfis, tive a preocupação em tentar me colocar

no lugar dos entrevistados em busca de cumprir o objetivo de gerar empatias. Afinal, a prioridade do trabalho foi dar ênfase às experiências pessoais, trazendo nos perfis informações biográficas que aproximem o tema do público sob uma perspectiva pessoal e subjetiva. Dessa forma, durante a escrita, procurei dar um olhar humanizado aos entrevistados e às vítimas de suicídio, principalmente por considerar que, muitas vezes, elas são representadas sob os estigmas e preconceitos que envolvem o fenômeno. “O primeiro passo para humanizar é fugir do ideal da perfeição e evitar maniqueísmos” (VILAS BOAS, 2014).

Como formato, o livro-reportagem foi escolhido com o objetivo de preencher os vazios deixados pela imprensa convencional, ainda mais quando se trata de uma temática pouco abordada. No livro *Páginas Ampliadas - O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura* (2009), Edvaldo Pereira Lima delinea o extenso campo do livro-reportagem e explica que, além de ocupar um espaço que jornais, revistas, emissoras de rádio e tv e internet passam distante, o gênero “avança para o aprofundamento do conhecimento do nosso tempo, eliminando, parcialmente que seja, o aspecto efêmero da mensagem da atualidade praticada pelos canais cotidianos da informação jornalística” (LIMA, 2009). A partir da ampla classificação proposta pelo autor de livros-reportagem e suas variações conforme a linha temática, procurei encaixar *Sobre Videntes* em livro-reportagem-perfil:

Trata-se da obra que procura evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma pessoa anônima que, por algum motivo, torna-se de interesse. No primeiro caso, trata-se de uma figura olimpiana. No segundo, a pessoa geralmente representa, por suas características e circunstâncias de vida, um determinado grupo social, passando como que a personificar a realidade do grupo em questão (LIMA, 2009, p. 51-52).

Em meu produto, busco apresentar os cinco entrevistados e suas particularidades que, nesse caso, ganham interesse de leitura por exhibir suas experiências pessoais como sobreviventes de suicídio. No entanto, mais que um perfil de cada uma dessas pessoas, apresento um perfil de seu luto, ou então, de sua dor. “No meu entender, os perfis são uma espécie de história de vida cuja proposta é desenhar o retrato de um momento selecionado, atual, do(s) protagonista(s)” (LIMA, 2002). A partir desta constatação, os perfis de *Sobre Videntes* servem para mostrar de perto a dor deixada pelo suicídio, mas também, provocar identificações e reflexões no leitor. De acordo com Lima, no artigo *Histórias de vida em*

jornalismo literário avançado (2002), o gênero jornalístico-literário é o espaço ideal onde “os perfis encontram condições adequadas para que o jornalismo cumpra uma tarefa muito esquecida nos dias de hoje, especialmente na imprensa brasileira: ajudar-nos a entender quem somos, através do olhar de espelho compreensivo sobre os nossos semelhantes, célebres ou anônimos” (LIMA, 2002).

Assim, perfil, jornalismo literário e livro-reportagem são três ingredientes de uma constelação diferenciada do universo jornalístico. Estendem o papel da mídia tradicional, complementam, noutra direção, as funções do jornalismo, enquanto sistema moderno de expressão pública do conhecimento contemporâneo. Permitem um aprofundamento impossível ou difícil de ser concretizado nas formas tradicionais (LIMA, 2002, nº 25).

Portanto, o triângulo conceitual formado pelos gêneros supracitados - jornalismo literário, perfil e livro-reportagem - foi a base para que *Sobre Viventes* ganhasse forma. Entre aspectos práticos e teóricos, o livro se encontra na intersecção desses três modelos jornalísticos.

3. METODOLOGIA

3.1. O processo

Ao longo da construção desse trabalho, que durou quase um ano - de novembro de 2016 a agosto de 2017 - *Sobre Viventes* passou por diversas transformações até se tornar um livro-reportagem. Foi no início do mês de abril de 2017 que decidi dar vida ao livro como ele se apresenta.

Quando escolhi ouvir histórias de suicídio, pensei que seria difícil encontrar pessoas que se dispusessem a compartilhar suas experiências dolorosas. Planejei ir em grupos de apoio voltados às famílias dos suicidas e buscar orientações com profissionais da saúde mental especializados na abordagem do suicídio. No entanto, não foi preciso ir nesses espaços, bastou conversar sobre o projeto com pessoas do meu convívio. No dia-a-dia, em rodas de amigos, entre familiares ou pelos corredores da faculdade, em todos os lugares havia alguém para indicar uma pessoa, próxima ou não, que perdeu alguém querido para o suicídio. Encontrei oito pessoas dispostas a conhecer o projeto. Quando conversei com elas, três não se sentiram confortáveis em falar sobre o assunto. Ao entender que seria preciso ir além do breve relato sobre o suicídio e expor suas fragilidades, resultando um livro, no final, elas preferiram não participar.

Para escrever os perfis, foi preciso adentrar na intimidade de cada um dos entrevistados. Conheci suas casas, um pouco de suas rotinas e seus hábitos. A proposta do livro é mostrar somente os depoimentos daqueles que, de alguma forma, superaram o silêncio deixado pela dor de perder alguém que escolheu morrer, pessoas que não se incomodam em conversar sobre suas experiências e podem até ajudar as que ainda se vêem presas em sentimentos de culpa e vergonha e preferem esconder suas memórias dolorosas.

A partir dessas cinco pessoas, - Carlos Enrique Carneiro, Jamile Cordeiro, Rafaella Rios, Caroline Souza e Renato Rodrigues - quis apresentar, no produto final, um retrato de um grupo específico, disforme e silencioso. As distinções dos personagens, quanto ao gênero, idade e classe social, assim como as particularidades de cada história, se refletem nos perfis que o livro reúne. De maneira sutil, busquei em cada capítulo transportar o leitor ao universo desses sobreviventes, ao choque de presenciar um suicídio e ao seguimento de suas vidas.

Apresentado o projeto para as cinco fontes, comecei a etapa das entrevistas, que aconteceram entre os meses de abril e maio. Para que os entrevistados se sentissem à vontade

e garantir maior rendimento às entrevistas, me preparei para abordar o tema da melhor maneira. Fui a palestras que discutiram a temática sob a perspectiva de áreas específicas, como a medicina e a saúde mental, e também voltadas para a população em geral, a exemplo da webpalestra *Aspectos técnicos e éticos na abordagem de pessoas em risco de suicídio*, realizada pela psicóloga Soraya Carvalho, coordenadora do Núcleo de Estudos e Prevenção do Suicídio (NEPS), localizado no Hospital Roberto Santos, em Salvador, Bahia.

No livro *Ciência e jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos* (2014), Cremilda Medina resgata o positivismo de Auguste Comte como princípio presente na ciência e também no jornalismo para descrever a prática jornalística caracterizada pela busca obsessiva pela precisão de dados, pela fuga das abstrações e pela delimitação de fatos determinados (MEDINA, 2014). Em seguida, ela explica que é preciso quebrar esses “grilhões positivos” do jornalismo na arte de tecer o presente e destaca a importância dos elementos não-verbais na elaboração de uma narrativa.

Dada a importância da observação do jornalista durante uma entrevista, tentei, nos encontros com as fontes, perceber não apenas o que era dito, mas também expressões, linguagens corporais e outros textos visuais, como objetos pessoais e características próprias que, apesar de sutis, montam um conjunto significativo e relevante para o texto. Na construção de uma reportagem literária, o que não é falado também é linguagem, assim como o que é esquecido ou omitido. Essas nuances podem ser percebidas e transportadas para o texto final, mesmo que indiretamente. Segundo Lima, a subjetividade é um elemento fundamental na construção de uma narrativa literária e autoral:

Estando liberto da objetividade reducionista e puramente tecnicista que habitualmente impera na imprensa regular, pode, em tese, experimentar novas formas de captação, expandir o leque de fontes de consulta, criar novas maneiras de interação entre o repórter e seus entrevistados, munir-se de instrumentos inovadores na observação do real em suas múltiplas complexidades, já que, em princípio, não há necessidade de se submeter a um “gosto médio” (LIMA, 2009, p. 106).

Em outro livro, *Entrevista: o diálogo possível* (2002), Medina apresenta o método da “entrevista humanizada”, utilizado comumente nos livros-reportagem, para descrever a entrevista, como parte do processo de comunicação humana, voltada para o diálogo e a interação de ambas as partes, jornalista e entrevistado. “Esta é uma entrevista aberta que

mergulha no outro para compreender seus conceitos, valores, comportamentos, história de vida” (MEDINA, 2002, p. 18).

No cotidiano do homem contemporâneo, há espaço para o diálogo possível. Estão aí as experiências ou exceções à regra que provam o grau de concretização da entrevista na comunicação coletiva. Sua maior ou menor comunicação está diretamente relacionada com a humanização do contato interativo: quando, em um desses raros momentos, ambos - entrevistado e entrevistador - saem “alterados” do encontro, a técnica foi ultrapassada pela “intimidade” entre o Eu e o Tu. Tanto um como o outro se modificaram, alguma coisa aconteceu que os perturbou, fez-se luz em certo conceito ou comportamento, elucidou-se determinada auto-compreensão do mundo, ou seja, realizou-se o Diálogo Possível (MEDINA, 2002, p. 7).

Durante as entrevistas para *Sobre Viventes*, deixei as fontes contarem suas histórias com poucas interferências e em seus próprios ritmos. O compromisso que cada perfil assume é com a verdade do entrevistado, do que a pessoa se lembra, escolhe ou deixa de mostrar. Logo, a fonte, apesar de conduzida por quem entrevista, pode mudar o rumo da conversa e ter liberdade para narrar suas memórias. Por se tratar de um tema delicado de ser abordado, em alguns momentos, foi difícil para os entrevistados lembrar as memórias mais dolorosas. Quando sentia a necessidade de obter mais detalhes sobre um aspecto específico do relato, esperava a fonte terminar de falar para retomar o assunto com a mesma pergunta, mas reformulada. Dessa forma, além de obter o máximo de detalhes para a narrativa, pude manter a naturalidade da conversa.

A entrevista no perfil humanizado tem como finalidade traçar um perfil humano, não provoca gratuitamente, apenas para acentuar o grotesco, para “condenar” a pessoa (que estaria pré-condenada) ou para glamourizá-la sensacionalisticamente (MEDINA, 2002, p. 18).

O único item pré-estabelecido foi: coletar o máximo de informações e detalhes possíveis para que pudesse enriquecer as histórias. Cada entrevista foi guiada de uma forma diferente, a partir do que eu ouvia de cada uma das fontes. Dessa forma, apesar de ter em mente algumas questões elementares para fazer - Como era a sua relação com o suicida? Como e quando aconteceu o suicídio? Como foi o processo de luto após a perda? De que forma a sua percepção sobre a morte mudou após o ocorrido? -, as perguntas eram feitas naturalmente ao longo da conversa, sem a necessidade de questionários. Em algumas situações, foi preciso mais de um encontro para obter informações suficientes para a construção da história. Nesse tipo de entrevista, o entrevistado é um agente ativo na interação

e, portanto, também responsável por ela.

Com algumas fontes, pude desenvolver uma relação pessoal. Além de suas casas, conheci suas histórias e suas dores, algumas nunca compartilhadas. Vi fotos de família, ouvi confissões e pensamentos íntimos, segredos e sinceridades. Após a realização das entrevistas, todas foram decupadas e comecei o processo de construção dos textos. Um a um, selecionei os fatos relevantes e filtrei informações. De certa forma, todas as sutilezas que nasceram dessa relação de afeto com cada pessoa que conversei foram reconstruídas no livro, impressas através do meu olhar sobre elas.

3.2. O livro

Sobre Viventes é composto por cinco capítulos nomeados subjetivamente: *Espelho*, *Ferrugem*, *Poeira*, *Ruído* e *Sopro*. Cada um corresponde a uma história diferente narrada por uma única pessoa. Além das cinco histórias, há um prólogo memorialístico, onde descrevo as questões que me levaram à criação desse trabalho e a razão de dar luz a um tema silenciado, e um epílogo, onde exponho, de forma breve, as impressões finais do que produzi.

Os capítulos foram organizados em ordem alfabética, desconsiderando a ordem de minha preferência ou qualquer outro tipo de hierarquização. Dessa maneira, fica a cargo do leitor encontrar uma ordem de relevância para as histórias. Os títulos dados aos capítulos remetem, sob uma perspectiva subjetiva, aos elementos que fazem parte de cada história, no caso dos dois primeiros, ou às impressões pessoais deixadas por cada relato, no caso dos três últimos. Por isso, os títulos não tem valor funcional para o texto, representando apenas o meu olhar sobre cada história. Coloquei minhas percepções dessa maneira como recurso estilístico, sem pretensão de criar conexões diretas com as narrativas.

O primeiro capítulo do livro, *Espelho*, conta a história de Carlos Enrique Carneiro, um policial que perdeu o pai aos 13 anos e cresceu sem uma referência masculina, apesar da presença dos tios. Ao revisitar a própria história, Enrique, hoje com 30 anos, destaca a admiração que tinha pelo pai e como ela o levou a seguir os mesmos passos que ele, até na escolha da profissão. Ao dizer que o pai sempre foi um “espelho”, o objeto se tornou o elemento da história.

O segundo capítulo, *Ferrugem*, apresenta Jamile Cordeiro, uma atriz que carrega o peso de dois suicídios na família: do pai e, oito meses depois, da tia materna. A história descreve a dura rotina da mulher que assumiu o ferro-velho do pai ao lado do primo, Ícaro Ferreira, filho da tia que cometeu suicídio. O elemento principal do texto é a forma com que os dois órfãos deram continuidade às suas vidas através do comércio da sucata mesmo com as dificuldades de uma família despedaçada. Além da presença marcante e física do ferro-velho, o desgaste que tomou conta da vida de Jamile após as duas grandes perdas se traduziu no título da história.

O terceiro capítulo é intitulado *Poeira* e traz a experiência de Rafaella Rios que, aos 13 anos, viu o tio morto minutos depois de cometer suicídio na garagem de casa. A experiência traumática e as consequências que se depositaram ao longo dos anos na vida da menina e dos familiares remetem, para mim, à poeira fina que, às vezes, cobre um lugar após sua destruição. As dificuldades da família para seguir em frente em meio aos destroços inspirou o nome dado ao capítulo.

Ruído, o quarto capítulo do livro, é o único que traz o relato de uma pessoa que não viu o suicídio acontecer dentro da própria família. A história é de Caroline Souza, que perdeu um grande amigo de escola na semana em que ele começou a estudar na faculdade. A amizade construída entre os dois jovens tímidos e a identificação que sentiam um pelo outro, constrói a narrativa. A maneira com o rapaz cometeu suicídio, ouvindo uma música destinada ao pai, e a relação ruidosa com a família, assim como a afinidade musical que aproximou os dois amigos, deram origem ao título da história.

O último capítulo de *Sobre Viventes* é, talvez, o que tenha a relação mais sutil entre título e texto. *Sopro* conta a história de Renato Rodrigues e sua contínua busca para resolver os problemas da família. O maior deles foi o alcoolismo do irmão mais velho, Dimas, que cometeu suicídio aos 35 anos. As lembranças de uma infância alegre no interior de Minas Gerais e o amadurecimento proporcionado pelas suas experiências, trouxeram uma compreensão profunda da vida e do fim dela. Os anos de estudos dedicados ao espiritismo e à psicologia se expressam na leveza de Renato ao contar suas memórias. Como um sopro, suas percepções do presente trazem alívio para as feridas deixadas pelo tempo.

Para que *Sobre Viventes* se concretizasse, procurei a designer Adnajara Novaes, responsável pela produção de livros e encadernações artísticas, para a construção do projeto gráfico e, depois, para a impressão do livro. Na criação de uma identidade visual para o

produto, pensamos algo simples, neutro, que desse leveza ao tema. As histórias são acompanhadas das fotografias das fontes e de algumas texturas listradas abstratas. Cada capítulo tem uma sequência de listras diferentes.

A cor predominante na capa e no interior do livro é o azul-acinzentado. A escolha do azul, a cor profunda (GUIMARÃES, 2001), se justifica pela busca de uma atmosfera suave e reflexiva para o leitor. No livro *A cor como informação*, Luciano Guimarães tece uma longa análise das cores e suas representações como signos construídos e interpretados materialmente. O autor explica como a percepção das cores interfere no sentido que damos a elas. Dessa forma, “a partir de regras de agrupamento das cores, podemos produzir determinados efeitos sobre o receptor” (GUIMARÃES, 2001, p. 190). A cor azul “tem origem no árabe antigo *azulaib* (cor dos céus)” e, assim como outros tons frios, “pode produzir tranquilidade, paz etc”. (GUIMARÃES, 2001, p. 110).

A elaboração do projeto gráfico foi a primeira etapa e custou R\$ 200,00. No final de julho, depois de concluído e revisado, o livro estava pronto para ser impresso. Cada unidade impressa do livro custou R\$ 120,00. Junto com o projeto, totalizou R\$ 680,00. Três livros foram destinados à banca avaliadora e o último guardei para mim. *Sobre Viventes* tem 102 páginas e foi impresso nas dimensões 12x20cm, em capa dura e 4 x 4 cor (impresso em cores na frente e no verso).

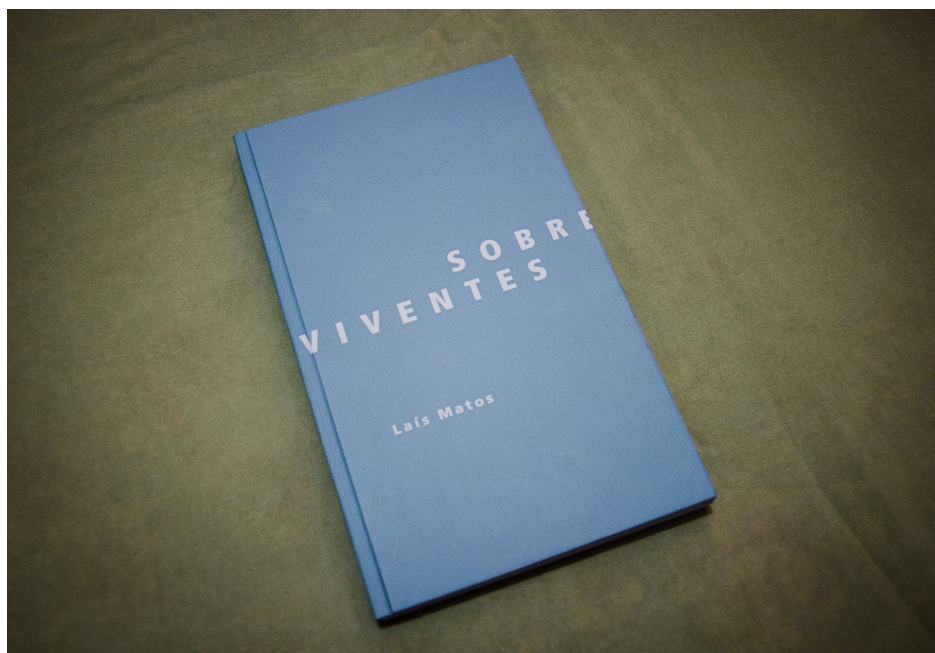


Imagem 1: Livro *Sobre Viventes* capa; foto tirada por Bruna Castelo Branco, agosto de 2017



Imagem 2: Livro *Sobre Videntes* interior (capítulo *Ferrugem*); foto tirada por Bruna Castelo Branco, agosto de 2017



Imagem 3: Livro *Sobre Videntes* interior (capítulo *Poeira*); foto tirada por Bruna Castelo Branco, agosto de 2017

3.3. Os retratos

Enquanto *Sobre Videntes* ganhava forma, pensei em fazer da fotografia uma ferramenta para a construção do livro-reportagem. Além de fundamentais para a composição visual do trabalho, as fotos cumprem o papel de tirar o tema da clandestinidade, principalmente ao considerar o tabu com que o assunto costuma ser tratado. Estamos em um momento de reviravolta, em que o suicídio começa a ser encarado como um problema grave. É um tema que não pode ser evitado, ainda menos na imprensa. Por isso, é mais que necessário dar rosto às pessoas com quem falo. No livro *Fotojornalismo: uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa* (2002), Jorge Pedro Souza relata que o retrato fotojornalístico existe, sobretudo, “porque os leitores gostam de saber como são as pessoas que aparecem nas histórias” (SOUZA, 2002, p. 121). Portanto, apresentar as cinco fontes é uma etapa importante para ilustrar os perfis e, de alguma forma, “evidenciar um traço da sua personalidade” (SOUZA, 2002, p. 121).

Durante as entrevistas, conversei sobre os retratos e as fontes concordaram em ser fotografadas. Para isso, contei com a ajuda do fotógrafo Dudu Assunção, monitor do Laboratório de Fotografia (Labfoto) da Faculdade de Comunicação da UFBA, que realizou os retratos dos perfis: *Ferrugem*, *Poeira*, *Ruído e Sopro*; e da fotógrafa Bruna Castelo Branco, responsável pelo retrato de Carlos Enrique Carneiro, fonte da primeira história do livro, *Espelho*.

Em busca de uma linguagem simbólica e discreta para as fotos, nós três pensamos em criar uma relação, mesmo que subliminar, entre as fotos, os textos e, quando possível, os títulos. Para isso, levei em consideração que “certos objetos presentes no ambiente podem reforçar visualmente o retrato e contribuir para a identificação dos sujeitos fotografados” (SOUZA, 2002, p. 123).

Na foto de Carlos Enrique Carneiro (imagem 3), há um espelho no fundo do ambiente; Jamile Cordeiro foi fotografada no ferro-velho da família (imagem 3); Rafaella Rios, em sua casa (imagem 4), em um cenário de café da manhã para remeter ao ambiente familiar presente no contexto de sua história; Caroline Souza foi fotografada vestindo uma camisa dos *Beatles* (imagem 4), banda que a aproximou do amigo Raphael e, por fim, Renato foi posado ao ar livre (imagem 4), em chão de terra, em alusão ao cenário que fez parte de sua infância e o acompanha até hoje.



Imagem 4: Carlos Enrique Carneiro (à esquerda), personagem de *Espelho*, e Jamile Cordeiro (à direita), personagem de *Ferrugem*; fotos tiradas por Bruna Castelo Branco e Dudu Assunção, respectivamente, junho de 2017



Imagem 5: Rafaella Rios (à esquerda), personagem de *Poeira*, Caroline Souza (centro), personagem de *Ruído*, e Renato Rodrigues (à direita), personagem de *Sopro*; fotos tiradas por Dudu Assunção, junho de 2017

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da minha trajetória, ainda tão curta, vi que poderia trabalhar com o gosto de ouvir histórias, de conhecer pessoas. Narrar essas descobertas foi apenas uma consequência. Conheci o lado literário do jornalismo, ou talvez, o que há de jornalístico na literatura, e também o silêncio que envolve o suicídio, um tabu. Escrever sobre suicídio, no entanto, não é tarefa fácil. A responsabilidade de ouvir os sobreviventes esmiuçando suas experiências dolorosas de luto para, depois, reuni-las e costurá-las em um livro, é grande. O esforço para escrever os perfis dentro de uma narrativa poética, mas que, ao mesmo tempo, não romantizasse o suicídio, norteou todo o processo. Por isso, tentei, mesmo com dificuldades, trazer leveza ao tema. Tentativa que se expressa não apenas na escrita, mas em todo o livro, como objeto de comunicação.

Nessa memória, procurei relacionar o produto final com a pesquisa realizada ao longo de um ano. Durante esse percurso, permeado por dúvidas e obstáculos, me deparei com a corrida contra o tempo, preocupações e, sobretudo, com o receio de abordar um tema tão delicado. Ao final do processo, conheci um termo utilizado no campo da suicidologia, posvenção. O termo foi criado por Edwin Shneidman e designa o conjunto de atividades que auxiliam os enlutados no sentido de atenuar o impacto do suicídio. Assim sendo, qualquer alternativa, até uma conversa, que pretende minimizar a dor dos amigos e familiares faz parte do desenvolvimento da posvenção. Acredito que o processo de construção de *Sobre Viventes*, ao lado dos cinco entrevistados, foi um tipo de posvenção.

As histórias de suicídio compartilhadas provocam desconforto ao mesmo tempo em que geram empatias. Percebi que, a partir do contato com a dor do outro, podemos revisitar as nossas e rever pontos de vista. Não são todos os sobreviventes de suicídio que conseguem falar abertamente sobre seus traumas. Uma parte significativa permanece calada, escondida. Busquei mostrar, com o livro, que é possível falar sobre suicídio sem medo. Já que, encarar de perto o fenômeno e dar atenção a essas histórias de luto e suicídio, nos leva a refletir sobre nossa condição.

No exercício de escrever cada capítulo do livro, descobri alguns saberes, até então, inexplorados. Por isso, *Sobre Viventes* é, ao meu ver, um objeto pessoal de experimentações, um rascunho do que busco para o meu futuro como jornalista. Pretendo seguir no caminho de ouvir pessoas anônimas e narrar histórias íntimas. A outra razão que me fez dar vida a um

livro foi a permanência. Fabrício Carpinejar disse: “Literatura não estraga fora da geladeira, nem fora da universidade”. Meu desejo é que *Sobre Viventes* ultrapasse os limites da academia e ocupe outros espaços, para que perdure, de alguma forma, através do tempo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Braitner Moreira. **A Cobertura Seletiva do Suicídio:** como os fatos jornalísticos que envolvem a morte voluntária são tratados por jornais do Distrito Federal. 2011. Monografia . Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/3615/1/2011_BraitnerMoreiraAndrade.pdf>. Acessado em 04 abr. 2017.
- ALVAREZ, Alfred. **O Deus Selvagem:** um estudo do suicídio. Companhia das Letras, São Paulo, 1999.
- BOTEGA, Neury José et al. **Prevenção do comportamento suicida.** PSICO, Porto Alegre, PUCRS, v. 37, n. 3, set./dez. 2006. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/1442/1130>>. Acessado em: 07 jul. 2017.
- BUENO, Eduardo. **O velho 'new journalism' está de volta.** Zero Hora, Porto Alegre, 10 abr. 1994. Segundo Caderno, p. 7-10.
- CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo.** Record/Besbolso, 2010.
- CARVALHO, Soarya. Webpalestra: **Aspectos técnicos e éticos na abordagem de pessoas em risco de suicídio.** Portal TelessaúdeBA, Salvador, 26 abr. 2017.
- CHRISTANTE, Luciana. **Com Saída.** Revista Unespciência, ed 13, 2010. Disponível em: <<https://www.unesp.br/aci/revista/ed13/com-saida>>. Acessado em: 26 jul. 2017.
- DAPIEVE, Arthur, 1963. **Morreu na contramão:** o suicídio como notícia. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2007.
- DAPIEVE, Arthur Henrique Motta. **Suicídio por contágio:** a maneira pela qual a imprensa trata a morte voluntária. Dissertação do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social do Departamento de Comunicação da PUC-Rio. 2006. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp005742.pdf>>. Acessado em: 15 jul. 2017.
- DURKHEIM, Émile. **O suicídio:** estudo de sociologia. Tradução de Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo : EDIPRO, 2014.
- Elena.** Direção: Petra Costa. Produção: Julia Bock e Daniela Santos. Busca Vida Filmes, Brasil, 2012.

FONTENELLE, Paula. **Suicídio, o Futuro Interrompido: guia para sobreviventes**. Geração Editorial, 2008.

FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu**. L&PM Pocket. 2014.

FUKUMITSU, Karina Okajima et al. **Posvenção: uma nova perspectiva para o suicídio**. Revista Brasileira de Psicologia, 02. Salvador, Bahia, 2015. Disponível em: <<http://revpsi.org/wp-content/uploads/2015/12/Fukumitsu-et-al.-2015-Posven%C3%A7%C3%A3o-uma-nova-perspectiva-para-o-suic%C3%ADdio-Posven%C3%A7%C3%A3o-uma-nova-perspectiva-para-o-suic%C3%ADdio.pdf>>. Acessado em: 07 jul. 2017.

GOETHE, Johann Wolfgang Von. **Os Sofrimentos do Jovem Werther**. L&PM Pocket. V.217. 2004.

GOLDIM, José Roberto. **Breve Histórico da Eutanásia**. 2000. Departamento de Bioética da UFRGS. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/bioetica/euthist.htm>>. Acessado em: 04 abr 2017.

GRANDO, Carolina Pompeo. **O suicídio na pauta jornalística**. Observatório da Imprensa. Ed. 596, 29/06/2010. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/o-suicidio-na-pauta-jornalistica/>>. Acessado em: 07 jul. 2017.

GUIMARÃES, Luciano. **A cor como informação: a construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores**. Annablume, 2001.

HIRANO, Heidi. **O Suicídio na cultura japonesa**. Revista Brasileira de Psicologia, 02. Salvador, Bahia, 2015. Disponível em: <<http://revpsi.org/wp-content/uploads/2015/12/Hirano-2015-O-suic%C3%ADdio-na-cultura-japonesa.pdf>>. Acessado em: 07 jul. 2017.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Histórias de vida em jornalismo literário avançado**. Comunicarte, v. 19, nº 25, Campinas – SP, PUC-CLC, 2002.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Manole, 2009.

LOPES, Reinaldo José. **Suicídios na mesma família podem ser explicados, em parte, pela genética**. Folha de S. Paulo, 29 jul. 2017. Disponível em: <<http://m.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2017/07/1905357-suicidios-na-mesma-familia-podem-ser-explicados-em-parte-pela-genetica.shtml>>. Acessado em: 04 ago. 2017.

MACHADO, Daiane Borges; SANTOS, Darci Neves dos. **Suicídio no Brasil, de 2000 a 2012**. Artigo. Instituto de Saúde Coletiva (ICS) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Salvador, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jbpsiq/v64n1/0047-2085-jbpsiq-64-1-0045.pdf>>. Acessado em: 15 jul. 2017.

MEDINA, Cremilda. **Ciência e Jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos**. São Paulo, Summus, 2014.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível**. Ática. São Paulo, SP, 2002.

NECCHI, Vitor. **A (im)pertinência da denominação jornalismo literário**. Estudos em jornalismo e mídia, ano VI, n. 1. pp. 99 - 109, jan./jun. 2009.

O GLOBO. **Morre Getúlio Vargas Neto, aos 61 anos, em Porto Alegre**. Rayanderson Guerra. 17 de julho de 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/morre-getulio-vargas-neto-aos-61-anos-em-porto-alegre-21600929?utm_source=Facebook&utm_medium=Social&utm_campaign=O+Globo>. Acessado em: 04 ago. 2017.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Prevenção do suicídio: um manual para médicos clínicos gerais**. Genebra, 2000. Disponível em: <<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/medicosgeneralistas.pdf>>. Acessado em: 04 ago. 2017.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Prevenção do suicídio: um manual para profissionais da mídia**. Genebra, 2000. Disponível em: <http://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/en/suicideprev_media_port.pdf>. Acessado em: 04 abr. 2017.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

PORTAL DATASUS. **Saúde Pública em Alerta: no Brasil, mortes por depressão crescem mais de 700% em 16 anos mostram dados do DATASUS**. 20 ago. 2012. Disponível em: <<http://datasus.saude.gov.br/noticias/atualizacoes/512-saude-publica-em-alerta-no-brasil-mortes-por-depressao-crescem-mais-de-700-em-16-anos-mostram-dados-do-datasus>>. Acessado em: 07 jul. 2017.

PORTAL SESAB. **Taxa de suicídio cresce mais de 40% entre os brasileiros de 15 a 29 anos**. Salvador, 25 abr. 2017. Disponível em: <http://www.saude.ba.gov.br/ciave/index.php?option=com_content&view=article&id=537:ta>

xa-de-suicidio-cresce-mais-de-40-entre-os-brasileiros-de-15-a-29-anos&catid=13:noticiasprofissionalgestor&Itemid=59>. Acessado em: 07 jul. 2017.

QUADROS, Marcos Paulo dos Reis. **Lealdade Visceral**: as origens do haraquiri no Japão Medieval. Revista Historiador Especial. Número 01. Ano 03. Julho de 2010. Disponível em: <<http://www.historialivre.com/revistahistoriador/espum/marcosquadros.pdf>>. Acessado em: 07 jul. 2017.

ROLLYSON, Carl. **Ísis Americana**: a vida e a arte de Sylvia Plath. Versus, Brasil, 2015.

SARAIVA, Carlos Braz. **Suicídio**: de Durkheim a Shneidman, do determinismo social à dor psicológica individual. Psiquiatria Clínica, 31, (3), pp.185-205, 2010. Sociedade Portuguesa de Suicidologia. Disponível em: <<http://www.spsuicidologia.pt/generalidades/biblioteca/artigos-cientificos/82-suicidio-de-durkheim-a-shneidman-do-determinismo-social-a-dor-psicologica-individual>>. Acessado em: 15 jul. 2017.

SILVEIRA, Joel. **A milésima segunda noite da Avenida Paulista**. Cia das Letras - EB, 2003.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo**: uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa. Porto, Bocc, 2002.

VILAS BOAS, Sergio. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.

VILAS BOAS, Sergio. **Perfis**: o mundo dos outros. São Paulo, Manole, 2014.